



ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM
SOCIAIS E HUMANIDADES

SLAM: POESIA MARGINAL FALADA, AFIRMAÇÃO DA JUVENTUDE PERIFÉRICA E O PAPEL DAS TECNOLOGIAS SOCIAIS

Raiane Souza Rodrigues dos Santos
*Estudante do programa de estudos pós-graduados em
política social da Universidade Federal Fluminense-UFF /
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
-UFVJM.*

E-mail: raianesantossouza@hotmail.com

Resumo

O presente estudo apresenta parte das discussões do Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social “Juventude, cultura e periferia: breve estudo acerca da inserção de jovens no SLAM Recitando Vidas - SRV, na cidade de Teófilo Otôni – MG”. Aborda algumas contribuições do SLAM, uma expressão artística de poesia marginal falada, para a construção da identidade racial, de gênero e de classe de jovens periféricos.

Palavras-chave: 1. SLAM; 2. Poesia Marginal; 3. Cultura Juvenil.

Abstract

This study presents part of the discussions from the Social Work Final Project "Youth, Culture, and the Periphery: A Brief Study on the Inclusion of Young People in the SLAM Recitando Vidas (SRV) in the City of Teófilo Otoni, Minas Gerais." It addresses some of the contributions of SLAM, an artistic expression of spoken word poetry, to the construction of racial, gender, and class identity among young people from the periphery.

Keywords: 1. SLAM; 2. Marginal Poetry; 3. Youth Culture.

Introdução

Este artigo apresenta parte das discussões desenvolvidas no Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social, intitulado “*Juventude, cultura e periferia: breve estudo acerca da inserção de jovens no SLAM Recitando Vidas SRV, na cidade de Teófilo Otoni MG*”. O estudo aborda as contribuições do SLAM expressão artística da poesia marginal falada para a construção das identidades racial, de gênero e de classe de jovens periféricos, tema de suma importância na contemporaneidade.

Pretende-se, ainda refletir sobre as múltiplas dimensões da cultura simbólica, cidadã e econômica, compreendendo-a como um campo transversal e dinâmico que atravessa a categoria das juventudes e no qual se entrelaçam uma fruição cultural de jovens artísticas, políticas públicas e contextos sociais. A partir de uma perspectiva interdisciplinar, discutem-se as relações entre arte, autonomia, criminalidade da juventude, racismo, políticas culturais, e direitos culturais, destacando a relevância de práticas como música, teatro, cinema com ênfase na literatura marginal.

Evidencia-se, o papel das tecnologias sociais como estratégias de inovação comunitária, voltadas à construção de soluções colaborativas e sustentáveis. Esse papel manifesta-se, por exemplo, no uso da internet para a criação e fruição de vídeos, bem como na organização de eventos que fortalecem a autoestima dos jovens diante da sociedade e ampliam a democratização da cultura juvenil periférica. Tais práticas possibilitam tanto a produção de novas formas de expressão quanto o enfrentamento de situações de vulnerabilidade social e política vivenciadas cotidianamente por inúmeros coletivos juvenis.

O objetivo geral da pesquisa foi identificar se a inserção de jovens da periferia no SLAM Recitando Vidas contribui para a construção de uma identidade racial, de gênero e de classe voltada para a quebra do estigma da periferia. Foram realizadas pesquisas bibliográfica e documental, com destaque para a própria construção de conteúdo do SRV, além de entrevistas com o poeta fundador do SLAM e uma roda de conversa com 05 *slammers*, incluindo o Slam Master Franco Vandereste.

Fundamentação teórica

A juventude periférica é forjada sob relações de poder que “investem e inventam novos modos de ser jovem na periferia” (TAKEITI; VICENTIN, 2019). Cada vez mais os jovens da periferia vêm se afirmando como sujeitos por meio da cultura hip hop, da literatura marginal, do audiovisual, saraus etc. Criam maneiras de vivenciar a juventude, rompendo com o estigma da periferia: vítimas ou ameaças.

A construção da juventude como categoria social, sob a ótica da sociologia da juventude, vem sendo marcada por duas principais tendências: a geracional, que enfatiza a fase da vida (faixa etária) como elemento comum a um grupo de pessoas, com forte apelo homogeneizante; a classista, que trata a juventude como um conjunto social necessariamente diversificado, em razão das diferentes origens de classe, que apontam para uma diversidade das formas de reprodução social e cultural (PAIS, 1993).

No Brasil, o interesse pela juventude como objeto de pesquisa emerge nos anos 1960. Marialice Foracchi foi a precursora de uma teoria social da juventude. De acordo com Weisheimer (2015), “No conjunto de seus trabalhos, Foracchi forneceu-nos análises simultaneamente amplas e profundas sobre os jovens, a condição de estudante universitário e o movimento estudantil”. Weisheimer ainda destaca que, em sua obra, a autora dá ênfase à categoria classe social como categoria explicativa, posto que “as relações de classe representam objetivamente ‘os padrões de pensamento e de experiência inerentes ao estilo de convivência na sociedade moderna’” (FORACCHI, 1965 apud WEISHEIMER, 2015, p. 6).

Aquino (2009) pontua que, na contemporaneidade, a juventude se insere como questão social a partir de duas abordagens principais: aquela que lida com o jovem como problema social, portanto, a juventude como etapa problemática¹ (comumente associado à delinquência, à falta de responsabilidade); aquela para a qual a juventude é entendida como uma etapa preparatória para a vida adulta.

Conforme ABRAMO (1997, p.29)

A tematização da juventude pela ótica do “problema social” é histórica e já foi assinalada por muitos autores: a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a

¹ Conforme ABRAMO (1997, p.29) “A tematização da juventude pela ótica do “problema social” é histórica e já foi assinalada por muitos autores: a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade. Seja porque o indivíduo jovem se desvia do seu caminho em direção à integração social por problemas localizados no próprio indivíduo ou nas instituições encarregadas de sua socialização ou ainda por anomalia do próprio sistema social seja porque um grupo ou movimento juvenil propõe ou produz transformações na ordem social ou ainda porque uma geração ameace romper com a transmissão da herança cultural”.

sociedade. Seja porque o indivíduo jovem se desvia do seu caminho em direção à integração social por problemas localizados no próprio indivíduo ou nas instituições encarregadas de sua socialização ou ainda por anomalia do próprio sistema social, seja porque um grupo ou movimento juvenil propõe ou produz transformações na ordem social ou ainda porque uma geração ameace romper com a transmissão da herança cultural.

Para a autora, essa é uma leitura funcionalista, cuja preocupação é com a “coesão moral da sociedade e com a integridade moral do indivíduo do jovem como futuro membro da sociedade, integrado e funcional a ela” (ABRAMO, 1997, p. 29). Peralva (2007, p. 20) salienta que

Os fundamentos da sociologia da juventude estão originalmente ligados a uma representação da ordem social, e do lugar dos grupos etários e de suas responsabilidades respectivas na preservação dessa ordem, na sua observância, na ruptura com relação a ela, ou na sua transformação. Quer o passado imprima ao futuro o seu significado, quer o futuro se imponha ao passado como perspectiva de renovação.

Conforme Aquino (2009), “novos fenômenos sociais tem evidenciado os limites da compreensão da juventude a partir desses registros”, como: mudanças estruturais na distribuição etária da população, com crescimento significativo do segmento juvenil; crise do emprego, com ampliação da moratória social de um lado (realidade de jovens oriundos de famílias cujo poder aquisitivo permite adiar a inserção no mercado de trabalho), e, precarização da inserção no mundo do trabalho para aqueles a quem esse adiamento não é possível em função das condições econômicas da família de origem, dentre outros. Em ambos os casos, observa-se uma tendência ao “prolongamento da juventude”, marcado, principalmente, mas não exclusivamente, pelo “bloqueio à emancipação econômica dos jovens”.

Para Andrade (2008, p. 26)

As transformações na esfera produtiva e no mundo do trabalho são apenas parte dos aspectos levados em conta na reflexão em torno da problemática da transição para a vida adulta na atualidade. A emergência de novos padrões comportamentais no exercício da sexualidade, da nupcialidade e na configuração dos arranjos familiares também tem sido considerada nas tentativas de compreensão e explicação das mudanças nos marcos tradicionais da passagem do jovem para a condição adulta.

Novaes (2009) destaca que as trajetórias juvenis são afetadas pelos processos econômicos e sociais em curso e que “os jovens vivem condições sociais heterogêneas marcadas por desigualdades e diferenças em termos de renda, cor, gênero, local de moradia, pertencimentos religiosos, culturais, ideológicos”. Para essa autora,

[...] a vivência juvenil na contemporaneidade tem se mostrado mais complexa, combinando processos formativos com processos de experimentação e construção de trajetórias que incluem a inserção no mundo do trabalho, a definição de identidades, a vivência da sexualidade, da sociabilidade, do lazer, da fruição e criação cultural e da participação social. (NOVAES et al, 2006, p.20)

Culturas juvenis

A efetivação de uma cultura juvenil no Brasil ainda enfrenta limites, seja pela fragilidade institucional, desmonte de programas culturais, subfinanciamento de políticas públicas, privatização do público, criminalização da cultura periférica ou mesmo pela desigualdade de acesso aos direitos culturais. Entretanto, reconhece-se que a cultura desempenha papel estratégico na promoção da cidadania no fortalecimento das identidades coletivas e na elevação da autonomia dos indivíduos.

Ao assegurar espaços de fruição artística e promover políticas públicas voltadas para a cultura juvenil, o Estado não apenas garante o exercício da criatividade, mas também fomenta o diálogo social, fortalece a prática democrática e assegura a cidadania. Reconhecer a interdisciplinaridade presente na categoria juventude implica compreender os indivíduos como sujeitos de direitos, constituídos em sua historicidade. A cultura, nesse sentido, desempenha papel central ao dar visibilidade a grupos historicamente marginalizados e ao contribuir para a construção de sociedades mais justas e inclusivas.

É igualmente relevante destacar que a noção de **cultura juvenil** deve ser compreendida em sua pluralidade. A juventude não se restringe a uma faixa etária, mas envolve distintas condições sociais, raciais e de gênero. Assim, pensar políticas públicas culturais voltadas para esse público exige considerar uma diversidade de experiências e vivências, reconhecendo que jovens de mesma idade podem experimentar a juventude de formas distintas. Portanto, tais políticas devem ser formuladas de modo a contemplar a pluralidade de trajetórias, assegurando a efetiva inclusão e valorização das diferentes juventudes. Diante disto, (DAYRELL, 2005, p.288). demonstra que a “[...] A atuação no campo da cultura funciona como articuladora de identidades e referências na elaboração de projetos de vida de indivíduos e coletivos, além de constituir-se como uma forma própria de participação social [...]”. Para os jovens, a cultura funciona como uma subcategoria conhecida como culturas juvenis ela é responsável pela formação da própria identidade juvenil.

Isto corrobora com a afirmação de Dayrell (2002, p. 119), de que cada vez mais

[...] os jovens vêm lançando mão da dimensão simbólica como a principal e mais visível forma de comunicação, expressa nos comportamentos e atitudes pelos quais se posicionam diante de si

mesmos e da sociedade. É possível constatar esse fenômeno nas ruas, nas escolas ou nos espaços de agregação juvenil, onde os jovens se reúnem em torno de diferentes expressões culturais, como a música, a dança, o teatro, entre outras, e tornam visíveis, através do corpo, das roupas e de comportamentos próprios, as diferentes formas de se expressar e de se colocar diante do mundo.

Hoje, os jovens da periferia vêm se produzindo como sujeitos

por meio de alguns estilos e invenções coletivas como o movimento hip hop, a literatura marginal, a produção audiovisual periférica, os saraus, [...] inventam distintas formas de viver a condição de ser jovem na e da favela, agenciam diferentes maneiras de produzir suas identidades, rompendo com a referência dominante dos discursos em torno da imagem de jovem pobre, popular urbano, vitimizado e perigoso. São jovens que produzem saberes, colocam em prática as experiências de recusa à exclusão e marginalização, tensionam outros discursos sobre a vida, a (in)diferença, a segregação e a racialização, e resistem aos modelos dominantes social e historicamente constituídos em torno da juventude popular urbana. (TAKEITI; VICENTIN, 2019, p. 259)

Nessa direção, o Slam se configura como umas das formas de expressões culturais que mais crescem em todo o território brasileiro. Ele se apresenta como uma nova forma de poesia, que foge dos padrões culturais tradicionais e elitizados, onde é necessário se ter formação ou mesmo ter recursos financeiros para se produzir arte.

Esse movimento, de valorização e divulgação da poesia oral e performática, o Slam², chega ao Brasil em 2008. O termo Slam é uma figura de linguagem da língua inglesa, que representa o som da batida de uma porta ou janela, um estouro, um barulho que causa um impacto (BARBOSA, 2019). De acordo com Estrela D'Alva (2011), esse termo foi cunhado por Marc Kelly Smith, operário da construção civil e poeta, em 1986, em Chicago, nos Estados Unidos.

Conforme Barbosa (2019), “Smith buscava popularizar a poesia junto a um público que estava fora dos espaços intelectuais sancionados e restritos pela academia. [...]. Ele, então, passou a organizar espetáculos de variedades que reuniam poesia, cabaré, experimentação musical e performance em bares da vizinhança de classe trabalhadora branca da cidade” (SOMERSWILLETT, 2009 apud BARBOSA, 2019, p. 02). Mais tarde, passou a denominar também as competições de poesia.

De acordo com Neves (2017, p.92),

as competições ou batalhas de poesias dão vez e voz a poetas da periferia, os quais versam sobre as adversidades do seu cotidiano, abordando temas como racismo, violência, drogas, machismo, sexismo, sempre de teor crítico e engajado, que requerem a escuta, a reflexão e a politização do seu público-ouvinte. Os slammers incorporam as “vozes das margens” (HALL, 2003), as “vozes do Sul” (MOITA LOPES, 2006) ou as “vozes do corpo” (DE CERTEAU, 1994) e, nos palcos, atuam como agentes de letramentos de reexistência

² O primeiro SLAM de que se tem registro no Brasil foi criado em 2008, na cidade de São Paulo, pela multi-artista Roberta Estrela D'Alva: o ZAP – Zona Autônoma da Palavra.

(SOUZA, 2011) ao declamarem poesias de sua própria autoria para cinco jurados escolhidos da plateia pelos organizadores do slam. Ao vencedor(a), livros!

A poesia periférica expressa a potencialização da linguagem periférica que durante anos foi submetida à linguagem culta da elite. Essa poesia expressa a voz dos guetos, dos pretos, das mulheres, dos/as LGBTQIA+, etc. Para Rodrigues (2021, p. 360), participar das batalhas, “para muitos e muitas, se tratava de um grito de dor, de revolta, de esperança, sair da invisibilidade, e abalar as estruturas denunciando a negligência dos governos e o descaso da sociedade”.

[...] este “movimento” identificado com as periferias, [...] trazia o grito contra o racismo, o machismo, a violência policial, a negligência do Estado, o feminicídio, a homofobia, o preconceito, enfim esse grito desengasgado. (RODRIGUES, 2021, p. 361)

A poesia dos Slammers traz consigo uma forma de democratizar a cultura e dar visibilidade a expressões artísticas que são invisibilizadas pela mídia e outros setores sociais, sendo está uma questão, também, de poder. Para Facina (2014), “A ocupação do espaço público é chave para a produção cultural da periferia”. Todavia, se, por um lado, o SLAM se afirmar como vetor de cidadania, por outro lado, perpassado pelo preconceito contra a arte que vem da periferia, é apontado como vadiagem, vandalismo e, como o próprio poder público nem sempre reconhece o SLAM como forma de manifestação cultural e política e o criminaliza, torna-se alvo frequente de violência e repressão policial³. O que é contraditório, pois a rua é um espaço que deveria ser ocupado e construído por todos.

Rodrigues (2021, p.369) afirma que “a negligência do Estado e a falta de políticas públicas na periferia – com exceção da segurança pública – são munição para esses jovens, quando empunham caneta e papel, para demonstrar que não aceitam mais viver em um país que ainda preserva fortes traços colonialista, escravocratas, patriarcais e intolerantes”. A poesia e as batalhas tornam-se, portanto, “espaço de voz e de formação política e crítica da ‘quebrada’”. Para esse autor,

Em tempos de retrocessos de direitos sociais e franco avanço de pautas conservadoras e comportamentos reacionários, resistir e enfrentar a tudo isso com armas forjadas na arte, na cultura, principal manifestação a ser calada quando instalado um regime autoritário, é de uma força tão envolvente, que é difícil não reagir, seja para destruí-la, ou seja para incorporá-la enquanto sentimento de resistência. (RODRIGUES, 2021, p. 370)

Rodrigues (2021, p.364), destaca que a prática do SLAM oferece um leque de oportunidades, como por exemplo,

³ Uma busca rápida na internet com o termo de busca “repressão da polícia’ SLAM” retornou 946 resultados com menção à repressão policial às manifestações artísticas e culturais de jovens periféricos. Data da pesquisa: 20/05/2021.

[...] levar a poesia, que o distanciamento do formato lírico e requintado a coloca, para espaços antes não imaginados, a pessoas que se sentissem representadas naqueles versos, e principalmente que descobrissem que poesia não é algo distante de suas realidades, e que essas realidades também produzem poesias, e que essas poesias podem sim ser um ato revolucionário, que essa simbiose de protesto poético, com seus marchadores e suas marchadoras da arte, empunhando caneta e papel, resgatam a cultura e a arte em seu princípio enquanto ato de ocupação e resistência.

A afirmação do autor corrobora as conclusões a que chegaram Takeiti e Vicentin (2019), de que “As tecnologias de arte/cultura utilizadas por esses jovens têm sido forjadas como ferramenta de inclusão, participação, engajamento político, gestão e fruição das ações sociais e culturais locais”.

Uma tecnologia de reverberação. Como afirma Zumthor (2007), “(...) Ao mesmo tempo em que nós lançamos ao outro que nos escuta, escutamos também a nós mesmos, ao nosso corpo, já que a voz, explica-nos o autor francês, é um corpo que se lança ao outro e retorna a si mesmo”.

Mais do que recursos técnicos, o uso destas ferramentas configura-se como práticas coletivas e participativas que promovem a inclusão, a autonomia e a visibilidade social. Ao favorecer a circulação de conteúdos artísticos, culturais e políticos, especialmente por meio da internet e das mídias digitais, essas tecnologias potencializam o protagonismo juvenil e a democratização da comunicação. Assim, ao desafiar uma ordem culturalmente heteropatriarcal, racista e machista, tornam-se ferramentas de resistência e de reinvenção da sociedade, contribuindo para a construção de alternativas solidárias, criativas e emancipatórias.

Desenvolvimento do tema

O “Slam Recitando Vidas” foi fundado pelo poeta mineiro Franco Vandereste, no município de Teófilo Otoni – MG, no ano de 2018. Trata-se de uma das ramificações da Competição de Poesia Falada Autoral Mundial. A história desse Slam remete ao ano de 2016, quando a poesia pulsante no jovem poeta o instigou a realização de um Sarau de Poesias. Recitando Vidas foi o nome dado ao Sarau pela mãe de Vandereste. Na sua I Edição, o Sarau Recitando Vidas reuniu cerca de 50 jovens, na Praça Olga Prates Correia, no bairro Marajoara, em Teófilo Otôni.

A ideia de realizar um sarau de poesias nasceu do desejo do poeta Franco Vandereste de fazer ecoar a poesia que vinha sendo escrita pela juventude local.

[...] foi um sarau que eu tive vontade de fazer, junto com um amigo meu chamado Roque. Eu pensei... Roque, eu preciso fazer um sarau de poesia! Por que na cidade não tem poesia? Na cidade não tem Jovens fazendo poesia? E tinha eu e outros amigos meus que faziam poesia, mas faziam poesias que ficavam guardadas, porque não tinham pra quem mostrar. Então é a mesma coisa que um artista pegar sua arte e sair jogando dentro de um baú. Porque a arte é pra ser expor,

né!

[...] quando teve o primeiro Recitando Vidas, deu mais de cinquenta pessoas na praça Olga Correia. Aquilo pra mim foi lindo, porque eu pensei vou continuar fazendo isto! Ia fazer apenas um... e vou continuar fazendo isto. Vi jovens num sábado à noite, que poderiam estar numa balada fazendo qualquer coisa, numa praça sem beber, sabe? Sem ter músicas dançantes tudo mais... e estão numa praça pra escutar poesias e recitar poesias, sabe como? Foi lindo isto!

O Sarau Recitando vidas teve continuidade, inicialmente organizado mensalmente e, posteriormente, com a mudança de cidade de um dos organizadores, trimestralmente. Entre 2016 e 2018 foram organizadas outras atividades com o intuito de divulgar a poesia local, como: a criação do canal Cifra Urbana, um canal no youtube, em 2016⁴; a definição de um local fixo para a realização do Sarau Recitando Vidas, em 2017; a turnê poética, em meados de 2017⁵; o 1 Minuto Poético, em 2018, com gravações de vídeo (VANDERESTE, 2021). Dessa trajetória nasce o Slam Recitando Vidas.

Segundo Franco Vandereste, foi por meio de um amigo – integrante do Levante Popular da Juventude – que ele conheceu uma das organizadoras do Slam em Belo Horizonte, no ano de 2018. A jovem, que já havia manifestado interesse em expandir o Slam para Teófilo Otoni, repassou informações sobre a natureza do Slam, seu funcionamento, condições para participação da Etapa Estadual do Campeonato de Poesia Falada, entre outros. No mesmo ano, a representante estadual do Campeonato de Poesia Falada – Karine Bastos –, foi a Teófilo Otoni, para o ato oficial de fundação do Slam Recitando Vidas. Esse encontro ocorreu na Casa Emaús.

Conforme Joana Louback (2021)⁶,

A Casa Emaús é uma casa que perpassa a história do movimento popular de Teófilo Otoni. Era uma casa de freiras, que foi cedida para ser a FEBEM. Quando encerrou o projeto da FEBEM, ela voltou para as freiras, era uma casa comunitária. Depois a APJ comprou lá. Éh onde aconteciam os treinamentos de animadores populares, naquele período de efervescência da Teologia da libertação. O primeiro encontro para formar o Partido dos Trabalhadores aconteceu lá. A primeira sede do PT também foi na casa Emaús. Durante esse período de efervescência, passaram por lá as maiores lideranças: Pedro Casaldáliga, Frei Beto, Leonardo Boff, Hélio Bicudo e tantos outros que vinham para dar os cursos [...]. A Casa Emaús foi sempre esse lugar, esse espaço de formação social e política onde nasceram muitos sindicatos, APJ nasceu lá, em oito de julho de mil novecentos e oitenta e quatro. Foi lá que fez o primeiro encontro, eram mais de cento e vinte jovens que Padre Giovanni, junto com a diretora da escola chamou pro encontro, pra discutir perspectiva da juventude. [...] Então, é um centro de formação e muitos grupos de jovens nasceram ali. A Casa Emaús é

⁴ A produção de conteúdo do canal contava com a participação de artistas diversos que eram convidados para recitar poesias.

⁵ 3 Essa turnê tinha como objetivo levar poesia para os bairros periféricos de Teófilo Otoni.

⁶ 4 Em conversa com a orientadora desse trabalho, professora Vanessa Juliana da Silva.

esse lugar que já deu origem a vários grupos, a vários movimentos. Esse espaço de formação e de luta da classe trabalhadora.

Esse registo sobre a Casa Emaús é importante, para que não se perca a referência que os jovens daquela comunidade têm em relação aquele espaço, que já foi um espaço de correção e transformou-se num espaço de formação.

Sobre o Slam Recitando Vidas, para o poeta e fundador Franco Vandereste, o Slam

é uma oportunidade do jovem poder ter o seu local de fala, não só [jovens]. Acima de trinta anos também, sem problema com isto, mas eu falo mais o jovem porque é o momento do jovem ter o seu momento de fala, ter o seu local de fala, poder falar dos seus anseios, das suas angústias, do que ele sente, das dores. Sabe do que? Dos seus desejos de melhora pra sociedade ou não. Eu acho que o Slam Recitando Vidas é isto!

O Slam, como local de fala do jovem, não se restringe a um limite etário. O local de fala diz também respeito às vivências cotidianas destes e de muitos outros jovens brasileiros perpassados pela cor, pela raça, pelo sexo, pela classe, pela posição religiosa etc. Jovens negros, periféricos, enfrentam em seu cotidiano muito mais limites de acesso ao mundo do que jovens brancos⁷ A ênfase nesse espaço como local no qual o jovem pode falar de suas vivências, seus anseios, também se relaciona com o silenciamento a que muitos jovens são submetidos, à criminalização das suas formas de expressão. O Slam, caracteriza-se, portanto, como um espaço que possibilita que esse grito ecoe e cause impacto.

Meu objetivo neste Slam, no Slam Recitando Vidas, é trazer mais pessoas é trazer mais jovens para recitarem pra estarem ai é externando seus sentimentos.

[...] estamos todos passando pela mesma coisa, quando um poeta pode falar aquilo, quem não pode falar ou quem não tem aquela... sabe, aquele momento, não quer falar ou simplesmente tem vergonha de estar falando isto também, quando outra pessoa fala, ela se sente representada. E, isto, esta representatividade do poeta falando, que é boa!

Por tudo isso, o Slam também se constitui como um espaço de partilha, no qual os jovens compartilham suas vivências cotidianas, criam um sistema de rede no qual podem se colocar na vida com o outro, que permite a troca, reconhecimento de si no outro e a autoafirmação.

Importante destacar que essa dimensão marginal, negra, que caracteriza o Slam brasileiro, é uma particularidade do Brasil, do lugar social que os jovens slammers

⁷ De acordo com dados do IBGE (2020), 8,6% da população negra brasileira não é alfabetizada; enquanto na população branca esse índice é de 3,9%. Da população branca, 24% tem o ensino superior completo, enquanto apenas 11% da população negra tem o mesmo nível de ensino; 72% dos desempregados no país são negros (pretos e pardos). De acordo com o Atlas da Violência 2020, no Brasil, para cada não negro assassinado em 2018 foram assassinados 2,7 negros

ocupam, que influem sobre a suas próprias verdades, escoadas através de rimas, dança, performances, músicas, etc, muito ligadas à própria sobrevivência.

[...] no Brasil o Slam é muito voltado pra negritude, para a negritude no Brasil. É em outros países africanos também, mas na França, Inglaterra, nos EUA que é onde começou o Slam, ele é mais embranquecido mesmo. Mas as poesias são de alto nível, são muito fortes, são muito desconstrutivas também pelo quesito de que patriarcado, capitalismo, entre outras coisas, a gente sempre questiona no Slam. (Franco Vandereste)

De acordo com Vandereste - Slam Master⁸ do Slam Recitando Vidas -, qualquer pessoa que desejar pode participar do Slam. Participam do Slam Recitando Vidas jovens de toda a cidade, independentemente do bairro de origem. Não há regras quanto à idade, sexo, gênero, cor, raça, classe, que restrinjam a participação.

O Slam, tem o palco aberto, quem quiser não disputar, quem quiser não participar do campeonato em si, pode estar lá cantando, pode estar lá dançando, pra interagir com todo mundo.

As regras são aplicáveis à competição e dizem respeito à forma e ao tempo que o slammer tem disponível para a sua performance, às notas, à votação.

Resumindo as regras, você tem tempo mínimo, máximo pra sua poesia, de três minutos. Passando destes três minutos a gente avisa para o poeta ou a poeta que o tempo dele acabou e ele vai ter um tempo extra de dez segundos para terminar esta poesia. Caso não termine, estaremos tirando notas dele e são cinco jurados escolhidos esporadicamente. É quem estiver lá no momento. A gente chega e pergunta: você quer ser jurado? A pessoa às vezes não aceita por que nunca foi. Os que aceitam a gente explica. São notas de 0 a 10, você pode dar nota 0.1, 0.2, 10, 9.7, a nota que você quiser. Entre 0 e 10 e, nisso tudo, são tiradas a maior nota e a menor nota e somadas apenas as notas do meio.

[...] Hoje em dia são organizados de dois em dois meses. A gente precisa organizar cinco etapas do Slam, pra termos cinco finalistas, mais a final. Então, de dois em dois meses a gente tenta tá organizando isto.

Quanto aos temas abordados, conforme Vandereste, as batalhas do Slam Recitando Vidas são de temática livre: “fala de amor, você fala de família, depressão, de feminicídio, racismo, o que você quiser e é isto o que é bacana, esta diversidade poética”

O Slam, mais no Brasil, como já havia afirmado, ele é uma ferramenta de contestação, em grande parte. Então, nós contestamos o preconceito que sofremos, não só nós como os índios, indígenas... nós contestamos isto! Nós contestamos o que as mulheres passam, as mulheres contestam mais ainda por ter esta propriedade. Nós contestamos, os gays, os LGBT contestam mais ainda por ter esta propriedade também! Então, a questão de classes, e, para sabermos, sabermos que nós somos pobres e precisamos lutar em dobro pra conseguir, talvez a mesma coisa que outros conseguem, mas existem sim.

⁸ O Termo Slam Master é equivalente ao Mestre de Cerimônias, o que organiza e apresenta o Slam

As batalhas do Slam Recitando Vidas visam, além de promover a poesia local no âmbito do município, selecionar slammers para o campeonato estadual, onde encontram slammers de várias regiões do estado e concorrem a uma vaga para o campeonato nacional. Durante seus três anos de existência, o Slam Recitando Vidas participou ativamente das competições estaduais. Vandereste destaca que em 2018 uma adolescente de 14 anos vencedora do Slam Recitando Vidas, foi para o campeonato estadual: a Anne Prates, ela ganhou tinha catorze anos. Ela ganhou, muito empoderada! Muita coisa massa ela falando! E isto é maravilhoso!

O Slam Recitando Vidas não conta com apoio institucional de nenhuma política pública ou subsídio de verba para se manter, e, para além disto, os prêmios e os campeonatos são realizados e custeados por doações de terceiros, que acreditam fielmente no poder que a arte detém. O Slam Recitando Vidas se constitui como um espaço aberto onde qualquer um pode recitar, não importando a cor, raça, sexualidade, classe etc. De modo que, como já se constatou, a juventude periférica é a maior protagonista neste cenário dando voz às suas pautas etc.

Considerações finais

Discutir as interfaces entre cultura juvenil, políticas públicas e tecnologias sociais para a juventude é também reafirmar o papel central da arte na construção de sociedades mais justas e plurais. Ao valorizar práticas culturais diversas e integrar a interdisciplinaridade como princípio, é possível ampliar os horizontes da cidadania, fortalecer o sentimento de pertencimento e promover transformações sociais significativas.

Assim, a cultura, em suas dimensões simbólica, cidadã e econômica, deve ser reconhecida não apenas como expressão criativa, mas também como campo estratégico de políticas públicas e como elemento essencial na luta pela dignidade e pela justiça social. A arte enquanto instrumento de formação política, social e humana se constitui como “arma” na guerra cotidiana. Diferentemente de outras armas que promovem morte, através da arte se promove vida. Impulsionar os manos e as minas da periferia a se expressarem é reinventar a sociedade, é algo para além do agora pois em meio a uma ordem já estabelecida, culturalmente heteropatriarcal, racista e machista, ocupar espaços, ocupar a rua e promover a arte é de total relevância social e política.

É uma forma de resistência e de contraposição a uma ordem já estabelecida uma das formas de agir sobre os desafios que podem aí surgir é através do uso das chamadas tecnologias sociais, estas constituem instrumentos para a impulsionar os

jovens da periferia, promovendo visibilidades aos problemas locais, colocando na agenda do estado desafios que devem ser sanados com uso de recursos públicos e colaboração da sociedade.

Referências

AQUINO, Luseni. A juventude como foco das políticas públicas. In: Juventude e políticas sociais no Brasil / organizadores: Jorge Abrahão de Castro, Luseni Maria C. de Aquino, Carla Coelho de Andrade. – Brasília: Ipea, 2009.

ABRAMO, H. W. “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil”. In Revista Brasileira de Educação. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, números 5/6, 1997.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 119, jan./jun. 2002

_____, Juarez. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

NEVES, C. A. B. (2017). Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. Linha D'Água, 30(2), 92-112. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v30i2p92-112>. Acesso em: 2021

RODRIGUES, Francisco Cesar. Slam: ocupação e resistência. In: Cultura política nas periferias: estratégias de reexistência / organização: Ana Lucia Silva Souza. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. 361 p.

_____, Francisco Cesar. Slam: ocupação e resistência. In: Cultura política nas periferias: estratégias de reexistência / organização: Ana Lucia Silva Souza. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. 425 p.

SANTOS, Raiane Souza Rodrigues dos. JUVENTUDE, CULTURA E PERIFERIA: breve estudo acerca da inserção de jovens no SLAM Recitando Vidas na cidade de Teófilo Otoni/MG. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Ciências Sociais aplicadas e Exatas | UFVJM. Teófilo Otôni: 2021.

PAIS, José Machado. A Construção Sociológica da Juventude – alguns contributos. In. Análise Social. Vol. 25 (105-106), 1990.

TAKEITI, B. A., & VICENTIN, M. C. G. (2019). Juventude(s) periférica(s) e subjetivações: narrativas de (re)existência juvenil em territórios culturais. Fractal: Revista De Psicologia, 31, 256-262. Disponível em: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29028. Acesso em: 2021.

WEISHEIMER, N. Marialice Foracchi e a Formação da Sociologia da Juventude no Brasil. Em: 39o ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2015